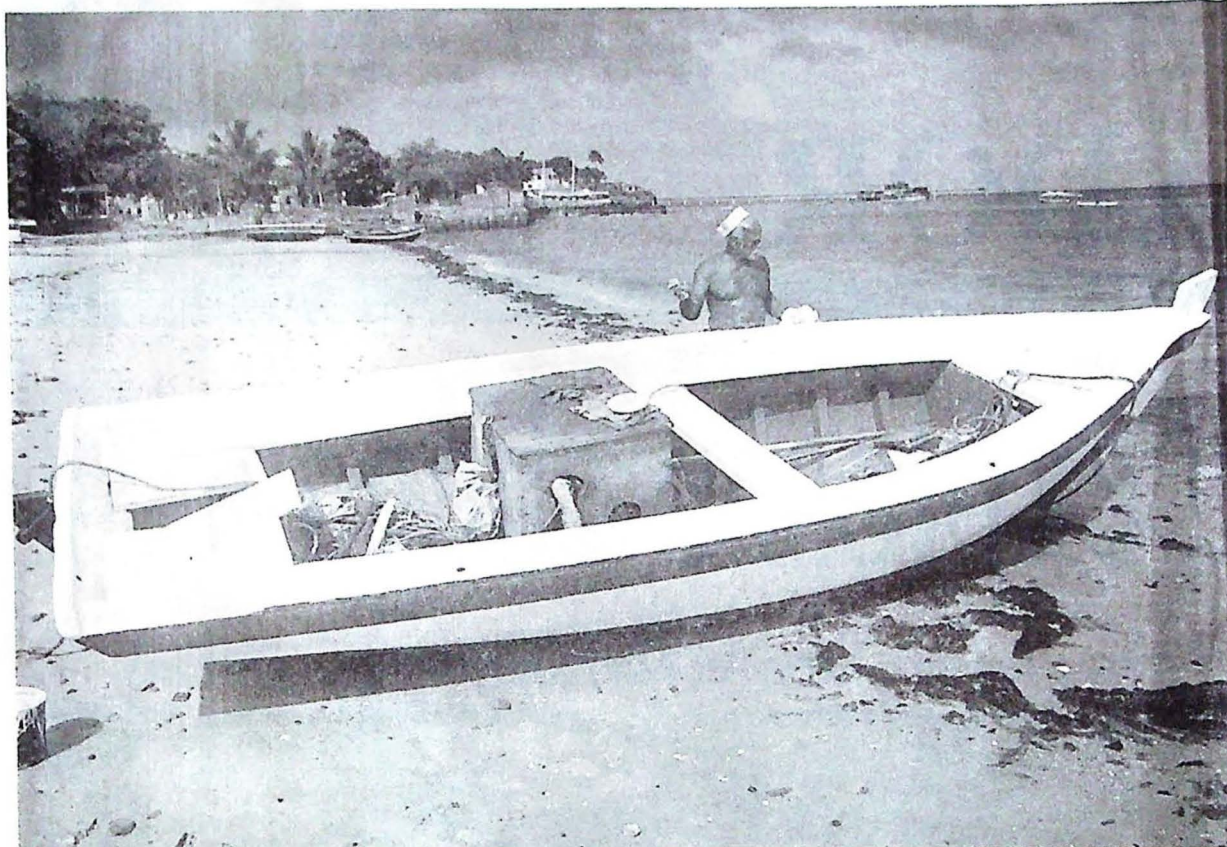


PMS	FMLF	GLRIN
BIBLIOTECA		
Jornal	Jornal da B.A.	
Data	14/12/98	
Caderno	Página	
AQUÍ SALVADOR 2		
Seção		
Assunto	MEIO AMBIENTE	
	POLUIÇÃO	
	AMBIENTE	

Claudionor Júnior



Pescadores continuam fazendo limpeza nos barcos na Praia da Ribeira, onde houve vazamento de óleo

Moradores da Ribeira ainda temem acidente

Óleo que resta nas caldeiras da Tóster deixa comunidade apreensiva

Há mais de uma semana e com a ajuda da comunidade foi controlado o vazamento de óleo da Fábrica Tóster S.A. Indústria do Vestuário para a Praia da Ribeira, na Avenida Beira-Mar, iniciado no dia 24 de novembro. Os moradores do local, entretanto, ainda temem novos acidentes com o óleo que ainda resta nas caldeiras da fábrica, fechada há cerca de três anos e cujas instalações estão abandonadas. Eles também se queixam do acúmulo de lixo na sede da Tóster e da água acumulada nos tanques, o que tem provocado a proliferação de muriquocas e outros insetos.

O nadador Edson Ramos dos Santos, 55 anos, que mora vizinho à saída dos fundos da Tóster

há mais de 15 anos, disse que já entrou em contato com o Centro de Recursos Ambientais (CRA), que esteve no local e ficou de acionar a Embasa para cuidar da retirada da água dos tanques. "A água está podre e a gente não consegue dormir de tanta muriçoca. A Sucam botou remédio, mas o efeito já passou", reclama, acrescentando que vai acionar a prefeitura para fazer a limpeza do prédio. "Tenho medo que os vândalos toquem fogo no que restou. Tem gente de Vista Alegre que perdeu a casa e está dormindo lá dentro".

Palha - A comerciante Edelizeita Santos, 71 anos, moradora do local há 40, conta que os próprios moradores retiraram a palha e a areia colocadas pelos técnicos da Petrobras na boca-de-lobo para

filtrar o óleo que estava sendo despejado na praia. "Choveu, encheu a rua e ficou tudo sujo de óleo", reclama ela, que mantém o Bar do Índio e estava sendo prejudicada pelo acúmulo de óleo na frente da rua e no mar, cujo cheiro afastava a clientela. "Quando foram tiradas a palha e a areia, ainda desceu muito óleo para a praia", diz, mostrando a pilastra de uma pequena ponte dentro da água, marcada pelo óleo derramado em quase um metro de altura.

Olinda Silva, 39 anos, acredita que o problema no interior da fábrica ainda não terminou. "A gente não sabe bem o que fizeram lá dentro, então o óleo pode voltar a vaz", acredita ela, também reclamando da sinfonia proporcionada à noite pelas muriçocas,

que sequer respeitam o ventilador. "Parece que elas voam com peso nas costas", brinca, lembrando que ainda há muitos robôs na fábrica, que ainda guardam botijões de gás, restos de móveis, etiquetas de roupas espalhadas por toda parte, armários de aço além de fotos de funcionários e carretéis de linha.

O ex-vigilante da Tóster, Ramundo Gomes Souza, 58 anos, lembra com saudade do tempo em que a fábrica empregava cerca de 1.200 funcionários. "Nessa época do ano tinha missa campal e os funcionários recebiam peru e panetone", recorda. Ele trabalhou durante 14 anos na fábrica e se queixa que ainda não recebeu indenização pelo tempo de serviço.